

Em cena, a escola pelas lentes dos estudantes: caminhos para a pesquisa

Resumo

Esse artigo apresenta dados sobre uma pesquisa qualitativa e quantitativa que levantou, ao longo de 2011 e 2012, vídeos postados por alunos do Ensino Médio na web, que usaram o nome da escola como uma das palavras identificadoras. Deste material faz-se uma análise com base nos conceitos de cultura, de Raymond Williams, e nos estudos de recepção principalmente, de Guillermo Orozco e José Martin-Barbero. O propósito do artigo é indicar os sentidos atribuídos pelos jovens à escola em suas práticas culturais e apontar caminhos para o aprofundamento da análise das mesmas. A escolha das escolas que participariam da pesquisa foi definida de acordo com os critérios estabelecidos por um grupo de pesquisa do Observatório de Jovens, que contou com a participação de 18 escolas e 4.143 estudantes de uma capital brasileira e sua região metropolitana. Um caminho buscado durante a análise foi o estabelecimento de possíveis padrões de construção filmica dos quais aponta-se a possibilidade de aprofundamento. Com base nos textos audiovisuais encontrados, determinou-se quatro categorias: Escola-ficção; Protesto; Memória Afetiva; Aventuras e Brincadeiras. Concluímos que este campo se configura um espaço primário rico de elementos reveladores de identidade e referência escolar pouco explorado.

Palavras-chave: Audiovisual, Juventude, Escola, Ensino Médio.

Rosângela Gonçalves de Oliveira
Instituto Federal do Paraná
rosangela.oliveira@ifpr.edu.br

Contextos e objetos

Por que trilhar nas vias cibernéticas e fílmicas para conhecer e analisar as relações identitárias dos estudantes com a escola? Porque, fora da escola, os alunos criam, produzem e publicam textos audiovisuais. Eles e elas compartilham com o mundo esse trabalho, publicando na rede de alcance mundial e apresentando textos audiovisuais variados. E, nesse universo fértil, é possível encontrar muitas produções com temas que incluem a escola. O espaço escolar aparece como cenário, coadjuvante e em algumas produções como protagonista dessa linguagem expressiva da sociedade digital.

A escola está presente nos textos audiovisuais produzidos por alunos, que são produtos expressivos das relações estabelecidas por jovens nesse ambiente de relações humanas mediado pela comunicação e suas práticas culturais. Nesse sentido o conceito de comunicação mediado pelas práticas culturais que assumimos é o entendimento de que os meios de comunicação são eles meios de produção concordando com Williams

A comunicação e os seus meios materiais são intrínsecos a todas as formas distintamente humanas de trabalho e de organização social, constituindo-se assim em elementos indispensáveis tanto para as forças produtivas quanto para as relações sociais de produção (Williams, 2011, p. 69)

Os dados nos mostram que o universo digital é parte constituinte do dia-a-dia do jovem brasileiro, segundo a pesquisa TIC¹ 2012 do Comitê Gestor da Internet no Brasil 51% dos domicílios urbanos possuem computador. A pesquisa revelou que 44% tem acesso a internet e 84% usam celulares. Mesmo com diferenças entre campo e cidade, ou seja, dos jovens camponeses 22% ainda apenas utilizam ferramentas digitais de comunicação e não garante uma universalização de acessos eles também se conectam. Os espaços virtuais são ocupados pelos estudantes onde estabelecem diferentes territórios identitários, sem muros que separam o dentro e fora da escola. Para Carrano:

Os jovens revelam sinais de identidades que remetem ao sensível, ao corpóreo, à expressividade cultural e estética e às sociabilidades que se

¹ TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação correspondem a todas as tecnologias que interferem e medeiam os processos de comunicação dos sujeitos. Também pode representar um conjunto de recursos tecnológicos de comunicação.

originam no exterior da instituição escolar que, por mais que tentamos uniformizá-las, ‘invadem’ os territórios da escola. Além do jovem silenciado, há um jovem querendo se expressar” (CARRANO, Paulo. Et al, 2013, p.21-22)

Ploriferam suas expressões em suportes comunicativos e artísticos dos mais variados, muros, paredes, hiperespaços entendendo esse último por elemento hipotético presente na ficção das histórias criadas pelos estudantes. São essas relações sociais produzidas na materialidade histórica dos sujeitos produtores sobre os quais se fizemos a nossa análise e é possível encontrá-las no *YouTube*, por exemplo. No entanto, há uma questão inquietante que diz respeito ao objeto dessa pesquisa, ou seja, o aprofundamento analítico destes audiovisuais, produzidos pelos alunos como possibilidades de compreender “o sentido do outro” (POMPA, Cristina. 2002). No que diz respeito à escola, a análise terá maior significado à luz dos estudos de recepção. Nessa direção concordamos com a proposta de Martín-Barbero, pois o autor insere o processo comunicativo dentro das práticas sociais e o percebe de forma global, uma vez que procura resgatar a iniciativa, a criatividade dos sujeitos, a complexidade da vida cotidiana como espaço de produção de sentido para o sujeito. Segundo FIGARO “Os estudos de recepção nos revelam um cotidiano repleto de aspirações contraditórias, cujo referencial importante ainda são os colegas de trabalho. Aspirações que também conformam o processo de recepção das mídias. (2005, p. 6)”

Portanto, analisar as obras fílmicas dos estudantes do Ensino Médio, procurando, a partir de seu olhar refletido na lente, sentidos atribuídos à escola é mais uma necessidade à compreensão dos sujeitos dessa etapa da Educação Básica, uma vez que temos um quadro forte de evasão e abandono desses jovens. Há, por parte significativa de pesquisadores e grupos de pesquisa sobre educação e juventude, a necessidade premente de entender as razões que promovem no jovem a saída da escola antes de concluir sua formação básica. Nesse conjunto motivador de abandono, evasão e expulsão não deixamos de lado os provocados pela violência, seja ela uma violência dura ou simbólica².

² O termo “**violência dura**” se refere a atos e episódios que podem resultar em danos irreparáveis aos indivíduos e, por isso, exigem a intervenção estatal (ABRAMOVAY, 2006). Assim, se confunde com o

Abramovay e Cunha têm identificado, igualmente, um quadro de abandono da escola, especialmente situado na última etapa da educação básica. As pesquisadoras identificaram as violências (de toda natureza) sofridas por esses jovens. Na busca pela compreensão dos fenômenos de abandono de jovens no ensino médio muitas pesquisas têm sido realizadas com diferentes focos e o mesmo objeto. Nas pesquisas de Abramovay e Castro (2006), encomendada pela Secretaria de Educação do Distrito Federal, o objetivo foi “traçar um perfil das escolas públicas a partir da percepção de seus alunos e professores com respeito aos relacionamentos entre os atores da comunidade escolar e aos problemas de violência no cotidiano” (p.15). Os resultados comprovam que os índices de violência na sociedade (simbólica, dura, microviolências) categorizados e fundamentados pelas autoras, compõem o cenário escolar, onde alunos e professores são sujeitos ativos e passivos desses atos. Essas reflexões feitas pelas pesquisadoras têm origem a partir de suas análises nos espaços físicos e digitais (Internet e outras mídias), pois no processo de sua pesquisa encontram alguns audiovisuais com temas que envolvem violência.

Segundo as pesquisadoras uma das explicações para isso é o preconceito:

A presente pesquisa demonstra que agressões verbais e físicas, exclusão do convívio social, além de violência sexual, devem ser consideradas com atenção quando se analisa o fracasso e a evasão escolar de pessoas com deficiência (logo, sua baixa escolarização). As pessoas com deficiência formam, definitivamente, uma população vulnerável às violências no espaço escolar. A intolerância aos corpos diversos e às habilidades intelectuais diferenciadas gera situações incompatíveis com a perspectiva inclusiva da escola na atualidade, que seria de promover a diversidade e a plena inserção social de pessoas com deficiência. (ABRAMOVAY e CUNHA, 2009, p. 263)

Porém entendemos que também não é possível descartar fatores humanos, políticos, econômicos e estruturais, apresentando nesse artigo possibilidades de análise

crime, um fenômeno integrante da estrutura social moderna, de transgressão das normas sociais formalizadas em legislação. [...] A **violência simbólica** é uma forma de dominação que se apoia em expectativas coletivas que produzem a necessidade de obedecer às normas, regras e hierarquias sociais sem contestação. A violência simbólica se baseia na fabricação de crenças no processo de socialização que fazem com que as pessoas se enxerguem e se avaliem de acordo com os critérios definidos por alguém com maior poder. (ABRAMOVAY e CUNHA, 2009, p. 23 e 25)

ainda pouco exploradas e que podem subsidiar mudanças no sentido de fortalecer a compreensão do vínculo identitário dos jovens com a instituições de ensino e é desse lugar que estruturamos a principal razão desse artigo.

Perguntas como: “Por que os jovens vêm abandonando a escola?” e “Que sentidos atribuem à escola?” Precisam urgentemente ser respondidas.

O que nos interessa nesse artigo é apresentar uma quantidade significativa e plural de material textual no formato audiovisual pesquisado em um período de dois anos. Estamos falando de 803 (oitocentos e três) vídeos que têm como temática a escola e foram postados em um canal da Internet. Em relação a esse material, interrogamos: Quais as relações entre a(s) identidade(s) juvenil(s), a escola, a cultura de juventude? Os alunos revelam suas identidades e estabelecem seus territórios nos seus audiovisuais? Como a escola aparece representada nesse contexto? Essas categorias possuem possibilidade de análise também com base nos estudos de recepção e cultura fundamentados por Barbero-Martin (1991), Orozco (1993), Williams (1969).

Poderíamos destacar como práticas emergentes, segundo WILLIAMS (2011, p. 56), “[...] novos significados e valores, novas práticas, novos sentidos e experiências estão sendo continuamente criados” (2011, p.57), ou práticas culturais residuais³ pois segundo o mesmo autor, são “[...] algumas experiências, significados e valores que não podem ser verificados ou não podem ser expressos nos termos da cultura dominante são, todavia praticados e vividos com resíduos – tanto culturais quanto sociais – de formações sociais anteriores”. Os audiovisuais possuem, em uma primeira análise, as duas definições, uma vez que marcam seus espaços com lembranças de seus grupos de pertencimento.

As culturas dos grupos sociais envolvidos - alunos, professores e funcionários - e os textos dos audiovisuais produzidos pelos alunos, podem ser analisados focando nas referências simbólicas, onde se vinculam as identidades com a escola, tendo em vista que usam o nome do estabelecimento como marcador (palavra-chave) de busca no *hostel digital*.

³ Elementos residuais pertencem a formações sociais anteriores não expressos na cultura dominante são incorporados, principalmente se o resíduo provir de alguma area importante, para que a cultura dominante faça sentido.

É importante dizer compreende-se que o conceito de identidade como representações e convenções que estabelecem relações de “pertença” estabelecendo códigos culturais e de linguagem “empoderando” o sujeito no espaço/tempo, nesse sentido marcadas na diversidade juvenil. Juventude é uma categoria que ganha, segundo CARRANO (2013, p. 15):

[...] contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos. As distintas condições sociais (origem de classe e cor da pele, por exemplo), a diversidade cultural (as identidades culturais e religiosas, os diferentes valores familiares etc.), a diversidade de gênero (a heterossexualidade, a homossexualidade, a transexualidade) e até mesmo as diferenças territoriais se articulam para a constituição das diferentes modalidades de se vivenciar a juventude. Além das marcas da diversidade cultural e das desiguais condições de acesso aos bens econômicos, educacionais e culturais, a juventude é uma categoria dinâmica. Ela é transformada no contexto das mutações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que a experimentam e a sentem segundo determinado contexto sociocultural em que se inserem e, assim, elaboram determinados modos de ser jovem. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existente.

Portanto quando pensamos nos estudantes do Ensino Médio nos referimos a sujeitos das diferentes juventudes que estão em processo de construção identitária.

Lendo os textos audiovisuais

Investigar e analisar as relações de identidade e demarcação de território, possivelmente presente nos audiovisuais dos alunos, apresenta a representação de um panorama pouco explorado pois não se encontrou no banco de teses pesquisas com esse foco nesse campo empírico. Encontra-se nesse espaço o que Juarez Dayrell destaca como o mundo da cultura, segundo ele:

O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Longe dos olhares dos pais, educadores ou padrões, mas sempre tendo-os como referência, os jovens constituem culturas juvenis que lhes dão uma identidade como jovens. As culturas juvenis, como expressões simbólicas da condição juvenil, se manifestam

na diversidade em que esta se constitui, ganhando visibilidade através dos mais diferentes estilos, que têm no corpo e seu visual algumas de suas marcas distintivas. Jovens ostentam os seus corpos e neles as roupas, as tatuagens, os piercings, os brincos, dizendo da adesão a um determinado estilo, demarcando identidades individuais e coletivas, além de sinalizar um status social almejado. Ganha relevância também a ostentação dos aparelhos eletrônicos, principalmente o MP3 e o celular, cujo impacto no cotidiano juvenil precisa ser mais pesquisado. (DAYRELL, 2009, p. 19)

A partir do questionamento sobre quais sentidos e significados esses jovens têm atribuído à experiência escolar, mergulhamos nessa produção com algumas hipóteses, como: 1) os alunos se definem e usam referências do seu tempo histórico nos vídeos produzidos e; 2) a produção cultural dos audiovisuais dos alunos possui estética, sentido e está vinculada ao espaço escolar de pertencimento.

Quando se estipulou as fronteiras de análise no universo escolar e no seu cotidiano, entendeu-se uma necessidade premente que se ancora na pesquisa etnográfica. Nesse sentido compartilha-se com Pompa que ao pesquisar documentos coloniais deu um panorama diferente aos sentidos do “outro”, no caso dela o indígena, no nosso caso os jovens levando em consideração o entendimento de que: “o texto escrito [fílmico] a partir da interpretação (uma, entre as possíveis) de uma situação histórica específica (uma, entre as inúmeras) é talvez o lugar privilegiado para aprender o processo de mediações culturais” (POMPA, 2002, p.28, grifo nosso).

Para dar voz e vez aos estudantes é que optou-se pelo recorte de campo empírico considerando-se a produção espontânea de vídeos protagonizada pelos sujeitos/alunos. A escolha e busca recaiu sobre os vídeos que mostrassem, dentre outras coisas, questões importantes para esses jovens, pois contemplam referências cotidianas e extracurriculares dos autores baseou-se em critérios pré-estabelecidos.

Usamos como primeiro critério, vídeos de estudantes do ensino médio com referências explícitas a esta fase escolar, sem orientações docentes (vídeos pedagógicos, ou para apresentação de trabalho escolar) ou que fossem promovidos pela escola (vídeos onde é possível identificar orientação de produção). Os vídeos encontrados foram baixados da rede para posterior análise. Os demais vídeos encontrados (com orientações

as mais diversas ou produzidos por professores) foram computados, porém não baixados e, portanto, não considerados na análise.

Uma vez coletados, os vídeos foram classificados, a princípio em textos que tinham recorrência independente das escolas, se na capital, na região metropolitana, centro ou periferia. As recorrências encontradas foram “textos audiovisuais artísticos”, “de protesto”, “de memória afetiva”, “de aventuras e brincadeiras”. Estabelecemos como “textos artísticos” narrativas ficcionais com produção de roteiro, cenário, cortes, trilha, outros. Para a categoria “protesto” todos os audiovisuais que tinham como objetivo relatar um fato que não era de agrado do grupo, ou do autor do audiovisual.

O teórico Raymond Williams, ao categorizar os meios de comunicação como meios de produção, justifica que é importante distinguir “[...] os modos de comunicação que dependem dos recursos físicos humanos imediatos daqueles que dependem da transformação, pelo trabalho, de material não humano.”(2011, p. 75) Afirma o teórico que em todas as sociedades modernas a “fala física” e a “comunicação física não verbal” (comunicação corporal) são os principais na comunicação. Com base nesse argumento defende-se a ideia de que os audiovisuais aqui estudados agregam ambas as categorias primordiais apontadas por Williams. Usou-se para fundamentar as categorias de análise o conceito desenvolvido pelo teórico uma vez que o produto produzido pelos estudantes como ferramentas não verbais para comunicar-se. Segundo ele: “Há três tipos de tal uso ou transformação: (i) amplificador⁴; (ii) durável (armazenamento)⁵; e (iii) alternativo⁶” (2011, p.76) onde é possível o relacionamento destes, em seu conjunto, apropriados pelos jovens do Ensino Médio nas produções fílmicas.

No gráfico que segue apresentamos o resultado dessa trajetória de campo digital onde encontramos no universo de 6520 vídeos com o nome de 18 Colégios assim distribuídos:

⁴ Amplificador: aparelhos tecnológicos que amplificam a comunicação (rádio, televisão, internet, telefone, etc.).

⁵ Comunicação durável são mecanismos comunicacionais que tornam-se permanentes, por exemplo a fala, pois as não verbais se eternizam, por exemplo pelas artes visuais.

⁶ São meios que driblam o monopólio capitalista “durável e amplificado” (meios de comunicação de massa), por exemplo, rádios comunitárias.

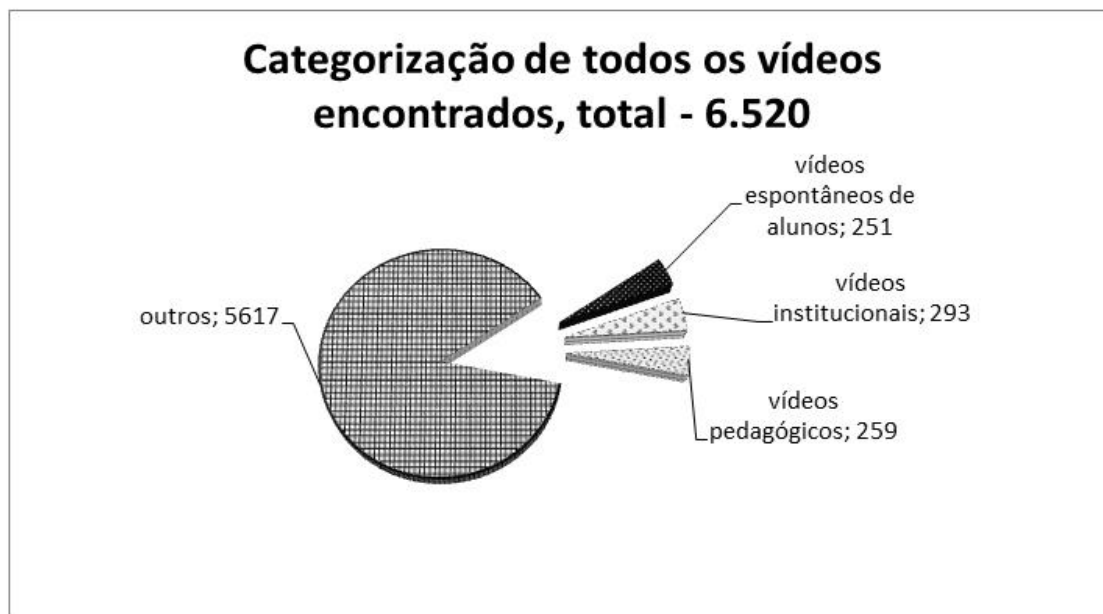


Figura 1: Síntese dos vídeos encontrados

Deste total nosso corte metodológico selecionou para análise apenas os vídeos espontâneos que totalizaram 251. Os procedimentos de aproximação entre as produções levaram em consideração as temáticas mais explícitas percebidas por qualquer expectador. Nessa perspectiva encontrou-se 11 tipologias fílmicas.

As produções apresentam as três categorias de Williams, durável, pois está diretamente ligada a fala, amplificador por sua potencialidade na Internet e o alternativo que apresentado como ideia desenvolvida pelos autores em relação ao seu espaço de convívio indiferentemente da hegemonia comunicativa.

Tipografou-se, dentro dessa lógica, quatro grandes categorias presentes nas representações fílmicas 1. “Memoria Afetiva”: onde todos os vídeos que tinham relações afetivas com os grupos e turmas do autor do vídeo, como por exemplo, homenagens a professores e colégas. 2. “Aventuras e brincadeiras” para todos os vídeos que apresentavam brincadeiras com ou sem elementos externos ao ambiente clássico escolar, como le parkour; skate, dança, por exemplo. 3. “Escola-Ficção” filmes onde a escola atua como cenário, e ou coadjuvante, e ou protagonista. 4. Situações de disputa momentos egativos em sala que apresentam situações de brigas e zombarias com teor pejorativo;

A síntese das categorias encontradas configura-se da seguinte forma:

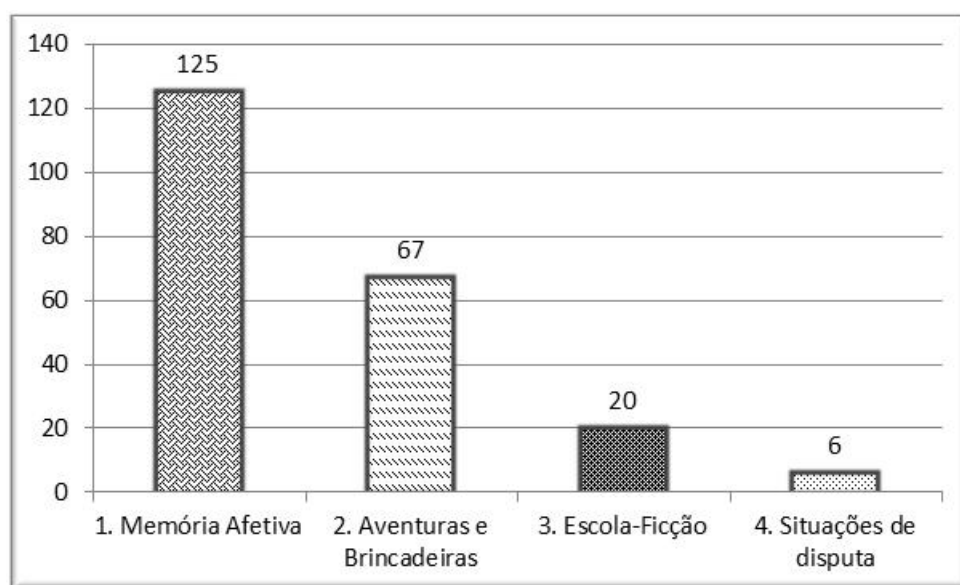


Figura 1: Síntese das categorias

As possibilidades de análise do material coletado são inúmeras e, neste estágio do estudo, optamos pelo recorte do reconhecimento dessas produções de forma mais geral.

Inconclusões para discussão

Os estudos de recepção consideram a comunicação dentro de uma concepção de teia, estabelecida no processo de mediação de meios de linguagem e sujeitos de forma dialética com influências mútuas. Localizando esses sujeitos nas instituições selecionadas, e entendendo as mesmas a partir da cultura escolar das suas relações institucionais e locais, das suas condições físicas, do seu papel naquela comunidade e sua relação com a educação de uma maneira mais abrangente. Segundo SETTON (2009, p. 69):

O ciberespaço é compreendido como um local de tolerância e liberdade de expressão para os que criam e produzem a cultura virtual, bem como para os receptores desta nova linguagem. A construção teórica de grande parte destas reflexões apoia-se em Anthony Giddens (1991, 1994) e Zygmunt Bauman (2001), destacando-se as considerações sobre o processo moderno de construção das identidades e a crescente necessidade de se sentir pertencente a uma comunidade, seja ela virtual ou não.

A relevância do estudo para o campo do conhecimento educacional se estabelece quando verificamos, no campo empírico, que muitos jovens produtores de pequenos vídeos e publicados na internet são estudantes das escolas públicas e foco de pesquisas sobre Ensino Médio. Como já destacamos anteriormente, o acesso a ferramentas tecnológicas portáteis facilita o registro dos fatos e a contação de histórias. Um celular, por exemplo, e uma Lan House são suficientes para divulgar uma aventura, uma história, uma lembrança. Produzir textos audiovisuais tornou-se tão acessível quanto fotografar, tão importante quanto às narrativas orais. Daí a divulgar para o mundo é só postar na rede, simples, rápido e pode ser feito anonimamente.

É possível nesse momento confirmar as duas hipóteses levantadas. Nessa mostra pode-se perceber que os estudantes marcam suas memórias com a escola e que suas produções têm opções estáticas. Algumas produções com maior proximidade da produção fílmica profissional com narrativas de ficção, roteiros, edição e efeitos especiais, trilha sonora. No quesito trilha todos os vídeos que apresentam memória afetiva. Os audiovisuais que apresentam violência não foram considerados como categoria pela inexpressiva ocorrência (apenas um), o que corrobora a constatação de que, ao contrário do que se propaga, os jovens eternizam como significativas, em suas lembranças com a escola, passagens positivas.

Não é possível desconsiderar ou minimizar o estímulo da indústria cultural (IC) e as relações sociais que influenciam e pautam a execução desses vídeos dos alunos, uma vez que os produtos da IC povoam o universo cotidiano jovem com intensidade. Não é nosso objetivo abordar esse recorte, mas reconhecemos a necessidade de um estudo mais aprofundado com o mesmo campo empírico para investigar se esses são fatos relevantes e reveladores do perfil dos alunos, ações explícitas de expressões momentâneas, assédio moral, de violência física.

Outras possíveis análises do audiovisual, à luz dos estudos de recepção é o aprofundamento da rotina fílmica e as referências cotidianas e estéticas desses sujeitos. Quais são as memórias registradas e quais estão ausentes? Como os alunos demarcam seus territórios?

A cultura escolar, produtora de movimentos de tensão e relaxamento social e epistemológico, é composta de outros fatores (além dos oficiais) que influenciam na prática pedagógica, ou seja, outros currículos⁷.

Nesses outros currículos presentes na cultura que é própria da escola, é que se pretende estabelecer um marco referencial, pois conhecer os sujeitos com quem e para quem esse currículo é proposto faz parte do Projeto Político Pedagógico escolar. Analisar, selecionar, formatar e didatizar os conhecimentos científicos para organizá-los, formatando o currículo oficial, é apenas uma parte da complexidade escolar. Ao caracterizar e categorizar o espaço escolar como produtor de conhecimento reconhecemos o terreno do conhecimento de forma universalizada, uma vez que se admite que essas relações de aprendizado acontecem com os sujeitos nas relações sociais e experiências nas salas de aula e fora delas. Esses sujeitos que compõem o espaço escolar e que produzem cultura, também são produzidos e mediados por ela. Assim eles também elaboram saberes, analisam conhecimentos, criam e interferem na cultura, recompondo, interpretando e reinterpretando saberes, cultura e conhecimento.

São esses sujeitos, seres “sociais”, possuidores do que Bourdieu (1998) chamou de “ethos cultural”, que se constroem e formam conhecimentos nas relações com os outros, nas experiências e nas mediações com os saberes. Esses sujeitos entendidos por Dubet (2004) como singulares, mas que também são coletivos e se formam e são formados nas relações com os outros sujeitos, nos seus espaços e tempos, virtuais e físicos, objetiva e subjetivamente.

É com esse processo de significação social construtora de culturas, assumindo-se aqui o conceito de cultura definido por Raymond Williams (1969), pois está presente nas ações, nas relações sociais, nas produções, nos meios de comunicação, nas imagens, nos signos, nas artes, enfim nas relações materiais e imateriais que se pretende olhar a cultura escolar.

⁷ Destacamos, de forma sintética, mas não reducionista o conceito de outros currículos considera todos os processos, narrativas, situações e elementos que envolvem o cotidiano escolar, planejados ou não, e provocam aprendizado.

É com base nas referências da teoria de autores como Paulo Freire, Henry Giroux, que foi possível vislumbrar a escola como um espaço possível para a construção da aprendizagem de forma dialógica por meio das relações e experiências dos sujeitos no campo da cultura escolar.

Já ao olharmos para os audiovisuais, a possibilidade é utilizar as produções espontâneas dos alunos, enxergando-as como parte significativa da atualidade e esboçando um perfil dos alunos e suas referências, evidenciando sua não neutralidade ou total negatividade do espaço escolar.

As referências e o trabalho pedagógico do uso das mídias (imagéticas, sonoras e impressas) já compõem os espaços escolares, respaldados nos estudos científicos da comunicação e recepção, que possuem em seu âmbito a educação, conforme reafirma a teoria da mediação de Jesus Martin-Barbero (2004), e Guillermo Orozco (1993).

Outros cientistas podem ajudar a iluminar os conceitos de comunicação, audiovisual, cultura midiática e ensino aprendido como as pesquisas de Rosa Maria Bueno Fischer pesquisadora no campo da mediação e os impactos da Indústria Cultural na escola, Roseli A.P. Figaro que desenvolve pesquisa com mídias e o conceito de trabalho na sua concepção ontológica. Em grande parte de seus estudos, esses teóricos consideram o local e o global, localizados em tempos distintos, ponderando que as ações são realizadas por sujeitos e que pertencentes a uma classe e que estão sob a égide do sistema capitalista mundializado, sujeitos do presente nesse complexo cotidiano da modernidade.

Enquanto isso, fora da escola, os alunos criam, produzem e publicam textos artísticos, de protesto, de memória afetiva, de aventuras e brincadeiras no formato audiovisual e compartilham com o mundo esse trabalho na rede de alcance mundial. É possível encontrá-las no site *YouTube*, por exemplo. Os estudos de recepção conceituam a comunicação dentro de uma concepção de teia, estabelecida no processo de mediação de meios e sujeitos de forma dialética com influências mútuas.

Aprofundar a análise dessa cultura audiovisual e constatar se os alunos possuem uma estética, sentido e identidade vinculada ao espaço de pertencimento e em alguma

medida à cultura escolar é o que se pretendemos na sequência. Os recortes metodológicos estão fundamentados nas teorias sociológicas, no conceito de sujeito como ser criador e mediador, no princípio de cultura como significação, cultura visual e de cultura escolar como campo de análise. Entende-se necessário afirmar a compreensão de que esses jovens são sujeitos concretos e históricos de uma construção de classe e que pertencem ao sistema capitalista. Essa reflexão é importante uma vez que só sua constituição de classe necessariamente não explicaria os textos audiovisuais produzidos. Nesse sentido refletimos a necessidade de outras pesquisas onde as condições econômicas sejam consideradas como um dos filtros balizadores para que possamos refutar ou confirmar essa hipótese.

No entanto uma simbologia habita as produções dos estudantes, em maior ou menor proporção, qual seja a do espaço da escola como protagonista e não como cenário. Esse pode ser um diferencial, um rompimento com as expectativas normativas e narrativas dos adultos que analisam a juventude. O material empírico bruto mostra em uma análise preliminar que existe uma ligação afetiva com o espaço escolar, para além dos sujeitos que lá transitam. Mas entendemos a profundidade dessa hipótese e a necessidade científica de aprofundá-la para não incorrer no risco de torná-la senso comum, ou banalizá-la. Porém é possível afirmar com base nos dados obtidos que a maioria dos audiovisuais são registros positivos de experiências significativas tanto com colegas, como com professores ou com a escola em sua estrutura física material.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, Miriam, CUNHA, Anna Lúcia, CALAF, Priscila Pinto. Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana - RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, 2009

BERNARDIM, Márcio Luiz. Juventude, Escola e Trabalho: Sentidos Atribuídos Ao Ensino Médio Integrado Por Jovens Da Classe Trabalhadora. Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Educação, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Trabalho, Tecnologia e Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. CURITIBA 2013

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e a cultura. In: Nogueira, Maria Alice, Catani, Afrânio (Org.) Escritos de educação. 2ªed. Petrópolis: Vozes, 1998a. p. 39-64.

DAYREL, Juarez. Uma diversidade de sujeitos O Aluno Do Ensino Médio: O Jovem Desconhecido. In: SEED, MEC, TV Escola, **SALTO PARA O FUTURO. Juventude e escolarização:os sentidos do Ensino Médio** Ano XIX boletim 18 - Novembro/2009 Acesso: <http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/11100718-JuveEscoladoEM.pdf>

DUBET, François. O que é uma escola justa?. Cad. Pesqui., Dez 2004, vol.34, no.123, p.539-555. ISSN 0100-1574

FÍGARO, Roseli. O desafio teórico-metodológico nas pesquisas de recepção, E-compos Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Agosto de 2005 - 2/15

MARTIN-BARBERO, J.; BALOGH, Anna Maria. BUITONI, Dulcília H.S. Em busca do sujeito da recepção. Revista Comunicação e Arte ECA - USP, São Paulo, ano 15, nº26, p.5-15, julho/dez 1991.

OROZCO, Guillermo. JACKS, Nilda Pesquisa de recepção: investigadores, paradigmas, contribuições latino-americanas. INTERCOM – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Comunicação para o Desenvolvimento & Comunicação e Extensão, São Paulo, Vol. XVI, n. 1, p. 22-33 janeiro/junho de 1993.

OLIVEIRA, Ana Paula de Corti, SPOSITO, Marília Pontes. A pesquisa sobre juventude e os temas emergentes, Juventude e escolarização (1980-1998) / Coordenação: Marília Pontes Sposito. – Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002: il. (Série Estado do Conhecimento, n.7)

POMPA, Critina. Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colônia. Bauru, São Paulo:EDUSC, 2003.

SETTON, Maria da G. J., Juventude, Mídias e TIC In: SPOSITO, Marília P. (Org.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**, volume 2, coordenação. – Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009. 264 p. ; 2v.

WILLIANS, Raymond. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

_____. **Meios de Comunicação como Meios de Produção**. In: Cultura e Materialismo. São Paulo: Unesp, 2011, p. 69-86.

Em cena, a escola pelas lentes dos estudantes: caminhos para a pesquisa
Rosângela Gonçalves de Oliveira

Sítios da Internet

Comitê Gestor da Internet no Brasil; Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic.br): <http://www.cetic.br/publicacoes/2012/tic-educacao-2012.pdf> ; <http://www.cetic.br/publicacoes/2012/tic-domicilios-2012.pdf>